É a crítica textual do NT uma ciência?

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Você já ouviu ou leu (ou disse) a frase "a ciência da crítica textual do NT"? E quanto à frase "crítico textual"? Então, o que faz um crítico? Ele critica. O que ele critica? Neste caso é o texto do NT em grego. Mas o que exatamente está ele criticando? Um crítico literário analisa coisas como estilo e escolha de vocabulário; um comentarista tenta decidir qual foi o significado pretendido pelo autor do texto. Então, o que faz um crítico textual? Ele tenta reconstruir a redação original de um texto – note que ele está assumindo que a redação original está 'perdida', no sentido de que ninguém sabe ao certo o que é ou foi. (Observe também que isso coloca a crítica acima do texto, ao qual retornarei.) A crítica textual só existe para textos cuja redação original é considerada "perdida". Ninguém faz crítica textual no jornal de hoje ou na revista de notícias da semana passada. Ninguém sequer faz crítica textual da versão King James de 1611, uma vez que ainda temos cópias impressas dela. Todo e qualquer argumento em torno da KJV cai sob outros títulos; não são crítica textual.

Qualquer pessoa familiarizada com o terreno sabe que durante os últimos 150 anos (pelo menos) o mundo académico tem sido dominado pela noção de que a redação original do texto do NT está de fato "perdida". Apenas para ilustrar, há cerca de 75 anos, Robert M. Grant escreveu: "é geralmente reconhecido que o texto original da Bíblia não pode ser recuperado".[1] Para uma série de outras referências que ecoam esse sentimento, consulte as páginas 3-5 do meu *Identity V*. Antes de tentar refutar essa ficção, como acredito, esboçarei um pouco de história relevante.

Um pouco de história relevante

A disciplina tal como a conhecemos é basicamente uma 'filha' da Europa Ocidental e das suas colónias; as Igrejas Ortodoxas Orientais geralmente não estiveram envolvidas. (Eles sempre souberam que o verdadeiro Texto reside na tradição bizantina.) No ano de 1500, o cristianismo da Europa Ocidental era dominado pela Igreja Católica Romana, cujo papa reivindicava o direito exclusivo de interpretar as Escrituras. Essa Escritura era a Vulgata Latina, que os leigos não tinham permissão de ler. As 95 teses de Martinho Lutero foram publicadas em 1517. Foi mero acaso que o primeiro Texto Grego impresso do NT tenha sido publicado no ano anterior? À medida que a Reforma Protestante avançava, foi declarado que a autoridade das Escrituras excedia a do papa, e que todo crente tinha o direito de ler e interpretar as Escrituras. A autoridade da Vulgata Latina também foi desafiada, uma vez que o NT foi escrito em grego. É claro que a biblioteca do Vaticano continha muitos MSS

[1] R. M. Grant, "The Bible of Theophilus of Antioch", *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 173. Observe o pessimismo, ele 'não pode ser recuperado'. Nesse caso, os críticos estão desperdiçando o seu tempo, e o nosso. Certamente, porque não teríamos como saber se o encontraram ou não.

gregos, não havendo dois dos quais idênticos (pelo menos nos Evangelhos), por isso a Igreja Romana desafiou a autenticidade do Texto Grego. Em suma, a Igreja Romana forçou a Reforma a enfrentar a variação textual entre os MSS gregos. Mas eles não sabiam como fazê-lo, porque se tratava de um novo campo de estudo e simplesmente não possuíam uma proporção suficiente das evidências relevantes.[1] (Eles provavelmente nem sabiam que existia a península do Monte Atos com seus vinte mosteiros.)

Em 1500, o Estabelecimento católico romano era corrupto, moralmente falido e desacreditado entre as pessoas pensantes. A Era da Razão e o humanismo estavam vindo à tona. Mais e mais pessoas estavam decidindo que poderiam viver melhor sem o deus do Estabelecimento romano. A nova suposta liberdade da supervisão sobrenatural era inebriante, e muitos não tinham interesse em aceitar a autoridade das Escrituras ("*sola Scriptura*"). Além disso, seria ingénuo ao extremo excluir o sobrenatural de consideração, e não levar em conta a atividade satânica nos bastidores – Efésios 2.2.[2] 'Filhos da desobediência' juntaram-se ao ataque contra as Escrituras. A chamada "alta crítica" negou completamente a inspiração divina. Outros utilizaram a variação textual para argumentar que, de qualquer forma, a redação original estava 'perdida', não havendo forma objetiva de determinar o que poderia ter sido (ou seja, não conseguiam perceber tal forma naquele momento).

A suposição acrítica de que "o mais velho é igual ao melhor" era um fator importante e tornou-se cada vez mais importante à medida que os unciais mais antigos vieram à luz. Tanto o Códice Vaticanus quanto o Códice Bezae estavam disponíveis desde cedo, e eles têm milhares de divergências, apenas nos Evangelhos (em Atos, Bezae é 'louco', quase inacreditável). **Se** "o mais antigo é igual ao melhor" e os MSS mais antigos estão em constante e massiva discordância entre si, então a

---

[1] A família 35, sendo de longe o maior e mais coeso grupo de MSS, estava mal representada nas bibliotecas da Europa Ocidental. Aliás, muito poucos MSS de qualquer tipo de texto haviam sido suficientemente cotejados para permitir qualquer rastreamento da história da transmissão.

[2] Estritamente falando, o Texto tem "segundo o 'Aeon' deste mundo, segundo o príncipe do domínio do ar" – as frases são paralelas, de sorte que 'Aeon' e 'príncipe' têm a mesma referência, uma pessoa ou um ser específico. Esse espírito está atualmente em ação (tempo presente) nos "filhos da desobediência". Os 'filhos' de algo são caracterizados por esse algo, e o algo neste caso é 'a' desobediência (o Texto tem o artigo definido) – uma continuação da rebelião original contra o Soberano do universo. Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos, um demônio atua como agente de Satanás, quando é necessário algo mais do que a influência da cultura circundante - quase todas as culturas humanas têm ingredientes de origem satânica; isso inclui a cultura acadêmica [a exigência acadêmica de que se demonstre 'conhecimento da literatura' obriga a perder tempo com tudo o que os servos de Satanás escreveram - considere 1 Coríntios 3.18-20]). Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Visto que Satanás é o "pai" das mentiras (João 8.44), sempre que você abraça uma mentira, você o convida a entrar em sua mente – isso se aplica a qualquer um de seus sofismas (2 Coríntios 10.5) atualmente em voga, como o materialismo, humanismo, relativismo, marxismo, freudismo, hortianismo, etc.

recuperação de um texto perdido torna-se impossível. Você entendeu isso? **Sem esperança, totalmente sem esperança**! No entanto, já argumentei que "o mais velho é igual ao pior", e isso muda radicalmente o quadro.[1]

Visto que todos são influenciados (não necessariamente controlados) pelo seu meio, isso se aplicava aos Reformadores. Em parte (pelo menos) a Reforma foi um 'filho' da Renascença, com ênfase na razão. Lembre-se de que, no julgamento, Lutero disse que só poderia retratar-se se fosse convencido pelas Escrituras e pela razão. Até aí tudo bem, mas muitos não queriam as Escrituras, e isso deixou apenas a razão. Além disso, visto que a razão não pode explicar ou lidar com o sobrenatural, aqueles que enfatizam a razão são geralmente hostis para com o sobrenatural. [Até hoje as denominações protestantes históricas ou tradicionais, assim chamadas, têm dificuldade em lidar com o sobrenatural.]

Antes de Adolf Deissmann publicar seu *Light from the Ancient East* (1910), (sendo uma tradução de *Licht vom Osten*, 1908), onde demonstrou que o grego Koinê era a *língua franca* nos dias de Jesus, existindo até uma gramática publicada explicando suas regras, apenas o grego clássico era ensinado nas universidades. Mas o NT está escrito em Koinê. Antes do trabalho de referência de Deissmann, havia duas posições sobre o grego do NT: 1) era uma forma degradada do grego clássico, ou 2) era um grego do 'Espírito Santo', inventado para o NT. A segunda opção foi defendida principalmente pelos pietistas; o mundo acadêmico preferiu a primeira, o que levantou a questão natural: se Deus fosse inspirar um NT, por que não o faria

---

[1] O trabalho de referência sobre este assunto é a obra de Herman C. Hoskier: *Codex B and its Allies, a Study and an Indictment* (2 vols.; Londres: Bernard Quaritch, 1914). O primeiro volume (cerca de 500 páginas) contém uma discussão detalhada e cuidadosa de centenas de erros óbvios no Códice B; o segundo (cerca de 400 páginas) contém o mesmo para o Códice Aleph. Ele afirma que só nos Evangelhos esses dois MSS diferem bem mais de 3.000 vezes, número esse que não inclui pequenos erros como ortografia (II, 1). Pois bem, a lógica simples exige que um ou outro tem de estar errado mais de 3.000 vezes; ambos não podem estar certos, sem contar os lugares em que ambos estão errados. **Nenhuma preferência subjetiva pode obscurecer o fato de que são cópias de baixa qualidade, objetivamente**.

John William Burgon cotejou pessoalmente o que em sua época eram "os cinco unciais antigos" (א,A,B,C,D). Ao longo de suas obras, ele repetidamente chama a atenção para a *concordia discors*, a confusão e a discordância predominantes, que os unciais antigos exibem entre si. Lucas 11.2-4 oferece um exemplo.

> "Os cinco Unciais Antigos" (אABCD) falsificam a Oração do Pai Nosso conforme dada por São Lucas em nada menos que quarenta e cinco palavras. Mas eles concordam tão pouco entre si, que se lançam em seis combinações diferentes nos seus desvios do Texto Tradicional; e, no entanto, eles nunca são capazes de concordar entre si quanto a uma única leitura diferente: embora apenas uma vez seja observado que mais de dois deles estão juntos, e seu grande ponto de união é nada menos que uma omissão do artigo. Tal é a sua tendência excêntrica que, em relação a trinta e duas das quarenta e cinco palavras, elas trazem, por sua vez, evidências solitárias. (*The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*. Organizado, concluído e editado por Edward Miller. Londres: George Bell and Sons, 1896, p. 84.)

Sim, de fato, o mais antigo é igual ao pior. Para mais informações sobre este assunto, consulte as páginas 130-36 de meu *Identity IV*.

em grego ‘decente’?

Tudo isto colocou os defensores de uma Bíblia grega inspirada na defensiva, com o problema muito real de decidir onde melhor estabelecer o seu perímetro de defesa. Dada a ignorância prevalecente relativamente às provas relevantes, a sua melhor escolha pareceu ser um apelo à Providência Divina. Deus escolheu providencialmente o TR, e então esse era o texto a ser usado (o texto ‘tradicional’).[1]

Ao que tudo indicava, Satanás estava vencendo, mas ainda tinha um problema: as principais versões protestantes (em alemão, inglês, espanhol, etc.) eram todas baseadas no *Textus Receptus*, assim como as declarações doutrinárias e os ‘livros de orações’. Entra F.J.A. Hort, um “filho da desobediência” por excelência. Hort não cria na inspiração divina da Bíblia, nem na divindade de Jesus Cristo. Como ele abraçou a teoria darwiniana assim que ela apareceu, presumivelmente não acreditava em Deus.[2] Sua teoria da crítica textual do NT, publicada em 1881,[3] baseava-se diretamente nos pressupostos de que o NT não era inspirado, que nenhum cuidado especial lhe foi dispensado nas primeiras décadas e que, em consequência, a redação original se perdeu – ficou perdida sem recuperação, pelo menos por meios objetivos. Sua teoria varreu o mundo acadêmico e continua a dominar a disciplina até hoje.

Além disso, Hort afirmou que, como resultado do seu trabalho, apenas uma milésima parte do texto do NT poderia ser considerada como em dúvida, e isso foi recebido com alegria pelas bases, uma vez que parecia fornecer garantia sobre a confiabilidade daquele texto. No entanto, é claro, essa afirmação aplicava-se apenas ao texto de W-H (provavelmente o pior NT publicado que existe, até hoje).[4]

---

[1] Note, por favor, que não estou criticando Burgon e outros; eles fizeram o que puderam, dadas as informações disponíveis. Eles sabiam que a teoria hortiana e o texto grego resultante não poderiam estar certos.

[2] Para documentação de tudo isso, e muito mais, nas palavras do próprio Hort, veja a biografia escrita por seu filho. A.F. Hort, *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort* (2 vols.; Londres: Macmillan and Co. Ltd., 1896). O filho fez uso intenso da abundante correspondência do pai, a quem admirava. (Naquela época, uma 'Vida' de dois volumes, em oposição a uma 'Biografia' de um volume, era um símbolo de status póstumo.) Muitos dos meus leitores foram ensinados, assim como eu, que não se deve questionar /julgar os motivos de outra pessoa. Mas espere só um minuto; de onde veio uma tal ideia? Certamente não veio de Deus, que espera que a pessoa espiritual avalie tudo (1 Coríntios 2.15). Visto que existem apenas dois reinos espirituais neste mundo (Mateus 12.30, Lucas 11.23), então a ideia vem do outro lado. Ao eliminar o motivo, elimina-se também a pressuposição, algo que Deus nunca faria, uma vez que a pressuposição governa a interpretação (Mateus 22.29, Marcos 12.24). É por isso que devemos <u>sempre</u> esperar que um verdadeiro estudioso declare as suas pressuposições. Já afirmei repetidamente as minhas, mas aqui estão novamente: 1) O Soberano Criador do universo existe; 2) Ele entregou uma revelação escrita à raça humana; 3) Ele preservou essa revelação intacta até hoje.

[3] B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 Vols.; Londres: Macmillan and Co., 1881). O segundo volume explica a teoria e é geralmente entendido como sendo o trabalho de Hort.

[4] Eu diria que o texto deles está errado com referência a 10% das palavras – o NT grego tem cerca de 140.000 palavras, e então o texto WH está errado com referência a 14.000 delas. Eu diria que o assim

A natureza de um exercício científico

Até aí o meu esboço da história. Voltarei agora à questão do título. Para começar, observo e insisto que em qualquer exercício científico tem de ser feita uma distinção rigorosa entre evidência, interpretação e pressuposição. É desonesto representar as próprias pressuposições como sendo parte da evidência (opinião não é evidência). Portanto, para que a crítica textual do NT seja uma "ciência", as pressuposições devem ser excluídas. Mas se excluirmos a pressuposição de que a redação original foi "perdida", então a crítica textual deixa de existir; e como pode se ter uma 'ciência' de algo que não existe? A ciência é uma coisa; teoria é outra. Uma teoria baseia-se em pressupostos, por necessidade, e por isso é legítimo falar de uma teoria hortiana de crítica textual, uma vez que ele considerava perdida a redação original. Minha própria teoria não inclui crítica textual, pois considero que a redação original não está perdida. Defendo uma teoria da preservação divina do Texto do NT.[1]

A esta altura, deve estar evidente para o leitor que a questão de um original "perdido" é o ponto crucial, a questão central em qualquer tentativa de identificar a redação original do NT. Então, para essa questão passo agora. Para ser justo, preciso reconhecer duas definições de "perdido": 1) perda irrecuperável, pelo menos por meios objetivos; 2) perdido de vista, no sentido de que a evidência disponível não foi suficientemente estudada para permitir uma escolha empírica entre variantes concorrentes. Considero que a minha *Identidade V* fornece provas mais do que suficientes para demonstrar que a primeira definição é falsa. A teoria hortiana e todos os seus derivados, como o ecletismo (de qualquer tipo), não é ciência, e não pode honestamente ser chamada de ciência. A segunda definição permite procedimento científico. Sugiro e recomendo que comecemos a usar o termo "manuscritologia", em vez de "crítica textual" – a manuscritologia refere-se ao estudo dos MSS e é neutra quanto aos pressupostos. Qualquer exercício científico deve começar com as evidências; então qual é a evidência?

A evidência primária é fornecida pelos manuscritos de texto contínuo (grego) do NT. A evidência fornecida pelos lecionários é secundária. A evidência fornecida por versões antigas e citações patrísticas é terciária. A evidência histórica genuína (na medida em que possa ser determinada) é acessória. Quando a evidência primária é inequívoca, os restantes tipos não devem entrar em jogo. Por exemplo, em qualquer ponto dos quatro Evangelhos existirão cerca de 1.700 MSS de texto

---

chamado texto "crítico" atualmente em voga "apenas" está errado com referência a cerca de 12.000, uma melhoria (por menor que seja). E, a propósito, quão sábio é usar um NT preparado por um servo de Satanás?

[1] Considero-me um estudioso do texto, não um crítico. O Texto está acima de mim, não o contrário. No ecletismo o crítico está acima do texto, está acima da evidência; em vez de seguir fielmente as evidências, ele faz com que as evidências o sigam. Os MSS são reduzidos ao papel de 'fornecedores de leituras'.

contínuo, representando todas as linhas de transmissão e todos os locais. Onde todos concordam, não pode haver dúvidas legítimas quanto à redação original. Mas e se um papiro antigo vier à tona com uma variante, isso mudará o quadro? O próprio fato de ser antigo sugere que é ruim; por que não foi usado e desgastado?

Provavelmente todos nós já ouvimos/lemos a 'verdade falaz', 'manuscritos devem ser pesados, não contados'. O significado básico do verbo 'pesar' refere-se a um procedimento objetivo; isso é feito com pesos fisicamente verificáveis. Mas será que os seguidores de Hort (que são os principais que continuam a repeti-lo) 'pesam' os manuscritos usando critérios objetivos? Não o fazem, e é por isso que chamo isso de 'verdade falaz'. Dito isso, no entanto, submeto à consideração de todos os interessados que é de facto possível avaliar os MSS utilizando critérios objetivos.

Como devem os MSS ser pesados? E quem poderia ser competente para fazer a pesagem? Como o leitor já deve saber, Hort e a maioria dos estudiosos subsequentes fizeram a sua "pesagem" com base nas chamadas "evidências internas" – os dois critérios padrão são: "escolha a leitura que se adapta ao contexto" e "escolha a leitura que explica a origem da outra leitura".

Um problema com isso foi bem declarado por E.C. Colwell. "Na verdade, esses dois critérios padrão para a avaliação da evidência interna das leituras podem facilmente anular-se mutuamente e deixar o estudioso livre para escolher em termos dos seus próprios pré-julgamentos."[1] Além disso, "quanto mais conhecimento o estudioso conhece, mais fácil é para ele produzir uma defesa razoável de ambas as leituras…"[2] Todo o processo é tão subjetivo que zomba da palavra "pesar". O significado básico do termo envolve uma avaliação feita por um instrumento objetivo. Se desejarmos que a nossa pesagem de MSS tenha validade objetiva, devemos encontrar um procedimento objetivo.

Como avaliamos a credibilidade de uma testemunha na vida real? Observamos como ele age, ouvimos o que ele diz e como o diz, e ouvimos a opinião dos seus vizinhos e associados. Se pudermos demonstrar que uma testemunha é uma mentirosa habitual ou que as suas faculdades críticas estão prejudicadas, então receberemos o seu testemunho com ceticismo. É perfeitamente possível avaliar os MSS de forma semelhante, numa medida considerável, e é difícil compreender por que é que os estudiosos geralmente têm negligenciado fazê-lo.

Podemos 'pesar' objetivamente P^{66} como testemunha? (É o mais antigo de algum tamanho.) Bem, no espaço do Evangelho de João (não completo) contém mais de 900 erros claros e indubitáveis – como testemunha da identidade do texto de João, ele nos enganou mais de 900 vezes. P^{66} é uma testemunha crível? Eu diria que

---

1 Colwell, "External Evidence and New Testament Criticism", *Studies in the History and Text of the New Testament*, eds. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 3.

2 *Ibid*., p. 4.

nenhum dos escribas de P^{66} e P^{75} sabia grego; não deveríamos dizer que como testemunhas eles foram prejudicados?[1]

P^{75} é colocado perto de P^{66} na data. Embora não seja tão ruim quanto o P^{66}, dificilmente seria uma boa cópia. Colwell descobriu que P^{75} tem cerca de 145 itacismos, além de 257 outras leituras singulares, 25% das quais são absurdas.[2] Embora Colwell dê crédito ao escriba do P^{75} por ter tentado produzir uma boa cópia, o P^{75} parece bom apenas em comparação com o P^{66}. (Se te pedissem para escrever o Evangelho de João à mão, você cometeria mais de 400 erros? Experimente e veja!) Deve-se ter em mente que os números oferecidos por Colwell tratam apenas de erros que são de propriedade exclusiva de os respectivos MSS. Eles sem dúvida contêm muitos outros erros que por acaso podem também ser encontrados em outras testemunhas. Em outras palavras, são ainda piores do que indicam os números de Colwell.

P^{45}, embora sua data seja um pouco mais tarde, será considerado a seguir porque é o terceiro membro no estudo de Colwell. Ele descobriu que P^{45} tem aproximadamente 90 itacismos mais 275 outras leituras singulares, 10% das quais são absurdas (*Ibid*.). No entanto, o P^{45} é mais curto que o P^{66} (o P^{75} é mais longo) e por isso não é comparativamente tão melhor como os números podem sugerir à primeira vista. Colwell comenta sobre P^{45} da seguinte forma:

> Outra maneira de dizer isso é que quando o escriba de P^{45} cria uma leitura singular, ela quase sempre faz sentido; quando os escribas de P^{66} e P^{75} criam leituras singulares, muitas vezes elas não fazem sentido e são erros óbvios. Assim, deve-se dar crédito ao P^{45} por uma densidade muito maior de mudanças intencionais do que os outros dois (*Ibid*., p. 376).
>
> Como editor, o escriba do P^{45} empunhava um machado afiado. O aspecto mais marcante de seu estilo é a concisão. A palavra dispensável é dispensada. Ele omite advérbios, adjetivos, substantivos, particípios, verbos, pronomes pessoais – sem qualquer hábito compensatório de adição. Ele freqüentemente omite frases e cláusulas. Ele prefere a palavra simples à palavra composta. Em suma, ele favorece a brevidade. Ele encurta o texto em pelo menos cinquenta lugares **apenas em leituras singulares**. Mas ele **não** omite sílabas ou letras. Seu texto abreviado é legível (*Ibid*., p. 383).

---

[1] O fato de o transcritor de P^{75} ter copiado letra por letra, e o de P^{66} sílaba por sílaba (Colwell, "Scribal Habits", p. 380) sugere fortemente que nenhum dos dois sabia grego. Ao transcrever em um idioma que você sabe, você copia frase por frase, ou pelo menos palavra por palavra. P^{66} tem tantas leituras sem sentido que o transcritor não poderia saber o significado do texto. Qualquer pessoa que já tenha tentado transcrever um texto de algum tamanho à mão (não à máquina de escrever) em um idioma que não entende saberá que é uma tarefa cansativa e enfadonha. Pureza de transmissão não se pode esperar sob tais circunstâncias.

[2] E.C. Colwell, "Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text", *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt [New York: Abingdon Press, 1965], pp. 374-76.

P^{46} é considerado por alguns como sendo tão antigo quanto P^{66}. O estudo deste manuscrito por Zuntz é bem conhecido. "Apesar de sua aparência elegante (foi escrito por um escriba profissional e corrigido – mas de forma muito imperfeita – por um especialista), o P^{46} não é de forma alguma um bom manuscrito. O escriba cometeu muitos erros... Minha impressão é que ele estava sujeito a acessos de exaustão."[1]

Deve-se observar de passagem que o Códice B também é conhecido por sua 'aparência elegante', mas não se deve presumir que, portanto, deva ser uma boa cópia. Até mesmo Hort admitiu que o escriba de B "não alcançou de forma alguma um alto padrão de precisão" (Westcott e Hort, p. 233). Aleph é reconhecido por todos como pior que B em todos os sentidos. Zuntz diz ainda: "P^{46} está repleto de erros do copista, omissões e também acréscimos" (*Op.Cit*., p. 212).

> …o escriba que escreveu o papiro fez muito mal o seu trabalho. De suas inúmeras falhas, apenas uma fração (menos de uma em cada dez) foi corrigida e mesmo essa fração – como acontece frequentemente nos manuscritos – fica cada vez menor até o final do livro. Páginas inteiras ficaram sem qualquer correção, por mais que precisassem dela (*Ibid*., p. 252).

Lembre-se do estudo de Colwell que o escriba de P^{45} evidentemente fez numerosas mudanças **deliberadas** no texto – não deveríamos dizer que ele estava moralmente prejudicado? De qualquer forma, ele nos informou mal repetidamente. Ainda devemos confiar nele? Da mesma forma, já foi demonstrado que Aleph e B têm mais de 3.000 erros entre eles, apenas nos Evangelhos. Aleph é claramente pior que B, mas provavelmente não é duas vezes pior – pelo menos 1.000 desses erros são de B.[2] Aleph e B se enquadram na sua noção de uma boa testemunha? Mais uma vez digo: mais velho é igual a pior!

Precisamos realmente entender que a idade não garante nada em relação à qualidade. Cada testemunha deve ser avaliada por si só, independentemente da idade. Além disso, e talvez mais precisamente, precisamos de saber como um determinado MS se relaciona com outros. Uma vez que um MS é identificado empiricamente como pertencente a uma família (linha de transmissão), então já não é uma testemunha independente do original – é uma testemunha do arquétipo da família. Como Colwell tão bem colocou, "a questão crucial tanto para as testemunhas antigas como para as tardias ainda é: 'ONDE ELES SE ENCAIXAM NUMA RECONSTRUÇÃO PLAUSÍVEL DA HISTÓRIA DA TRADIÇÃO MANUSCRITA?'"[3]

---

[1] Gunther Zuntz, *The Text of the Epistles* (London: Oxford University Press, 1953), p.18.

[2] Se você copiasse os quatro Evangelhos à mão, você acha que conseguiria cometer mil erros? Experimente e veja!

[3] Colwell, "Hort Redivivus: A Plea and a Program", *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*, E.C. Colwell (Leiden: E.J. Brill, 1969), p. 157. [Ênfase no original.]

Lamentavelmente, a teoria hortiana, aliada à ficção de que 'o mais velho é igual ao melhor', teve um efeito soporífero sobre a disciplina de tal forma que comparativamente poucos MSS têm sido totalmente cotejados e, em consequência, poucas famílias foram definidas empiricamente. Uma ideia aproximada baseada em verificações pontuais não é adequada; há muita mistura.

A Transmissão do Texto

Voltando aos 1.700 MSS conhecidos para qualquer ponto dos Evangelhos, deveria ser evidente que uma variante num único MS, de qualquer idade, é irrelevante – é um falso testemunho do seu arquétipo familiar, nesse ponto, nada mais. Se vários MSS partilham uma variante, mas não pertencem à mesma família, então cometeram o erro de forma independente e são falsas testemunhas dos seus respectivos arquétipos familiares – não há dependência. Quando um grupo de MSS reflete evidentemente corretamente a forma arquetípica da sua família, então estamos a lidar com uma família (não com os MSS individuais). As famílias precisam ser avaliadas da mesma maneira que avaliamos os MSS individuais. <u>É possível atribuir um quociente de credibilidade a uma família, com base em critérios objetivos</u>. Mas é claro que toda e qualquer família deve primeiro ser identificada e definida empiricamente, e tal identificação depende do cotejo completo dos MSS.

Embora a disciplina tenha (até agora) negligenciado o seu trabalho de casa (cotejar MSS), ainda assim uma grande maioria de MSS deveria ser convincente. Por exemplo, se uma variante goza de 99% de atestação das testemunhas primárias, isto significa que domina totalmente qualquer 'árvore' genealógica, porque dominou a transmissão global do texto. A série *Text und Textwert* do INTF, praticantes do método de perfil Claremont, H.C. Hoskier, von Soden, Burgon, Scrivener – em suma, qualquer pessoa que tenha cotejado qualquer número de MSS – todos demonstraram que a maior parte dos MSS bizantinos não é de forma alguma monolítica. Existem um bom número de córregos e riachos. (Lembre-se de que Wisse postulou 34 grupos dentro da massa bizantina, com 70 subgrupos.) É claro que não houve 'fraude das urnas'; não houve decreto 'papal'; não houve recensão imposta pela autoridade eclesiástica. Em suma, a transmissão foi predominantemente normal.

> Em circunstâncias normais, quanto mais antigo for um texto do que os seus rivais, maiores serão as suas probabilidades de sobreviver numa pluralidade ou na maioria absoluta dos textos existentes em qualquer período subsequente. Mas o texto **mais antigo** de todos é o autógrafo. Assim, deveria se presumir que, salvo algum deslocamento radical na história da transmissão, uma maioria de textos terá muito mais probabilidade de representar corretamente o caráter do original do que uma pequena minoria de textos. Isto é especialmente verdade quando a proporção é uma esmagadora 8:2. Sob quaisquer condições de transmissão razoavelmente normais, seria… completamente impossível para

> uma forma de texto posterior assegurar uma preponderância tão desproporcional de testemunhas conhecidas.[1]

Insisto que a transmissão do Texto do NT foi de fato predominantemente normal, baseado em evidências históricas. A Parte I acima alista e discute essas evidências, mas aqui está um esboço por alto:

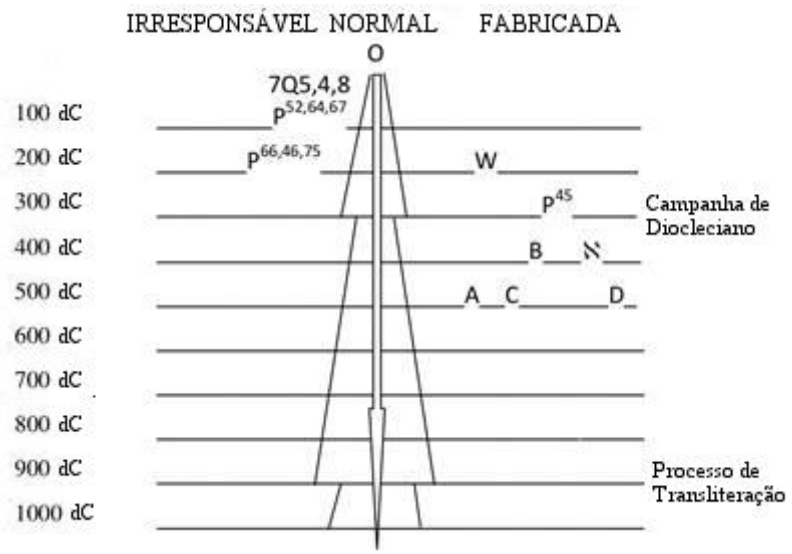
1. Os autores dos livros do NT criam que estavam escrevendo Escritura;
2. Os Apóstolos reconheceram que seus colegas estavam escrevendo Escritura;
3. Os 'Pais da Igreja' dos séculos I e II consideravam os escritos do NT como Escritura;
4. Os escritos do NT foram usados junto com o AT pelas congregações cristãs desde muito cedo;
5. Os primeiros cristãos estavam preocupados com a pureza do Texto do NT.
6. Quais regiões começaram com os Autógrafos? Área do Egeu (18-24), Roma (2-7), Palestina (0-3), Egito (0).
7. Onde a Igreja foi mais forte durante os séculos II e III? Ásia Menor e região do Egeu.
8. Onde o grego foi mais usado e por mais tempo? Área do Egeu e Ásia Menor.
9. Quais são as implicações da campanha de Diocleciano e do movimento donatista?

Afirmo que as provas são claras no sentido de que a transmissão foi de fato predominantemente normal. Então, que tipo de quadro podemos esperar encontrar nas testemunhas sobreviventes, dado o entendimento de que a história da transmissão do Texto do Novo Testamento foi predominantemente normal? Podemos esperar um amplo espectro de cópias, mostrando pequenas diferenças devido a erros de copiar, mas todas refletindo uma tradição comum. A existência simultânea de transmissão anormal nos primeiros séculos resultaria num salpicar de cópias, desordenadamente, fora desse fluxo principal. O quadro seria algo como a figura a seguir.[2]

---

[1] Z.C. Hodges, "A Defense of the Majority Text" (notas de curso não publicadas, Dallas Theological Seminary, 1975), p. 4. O Apêndice B do meu livro *Identity V* mostra que a ciência matemática da probabilidade estatística dá amplo apoio à afirmação de Hodges. É estatisticamente impossível que um retardatário domine a transmissão.

[2] A história do local onde o Códice W foi encontrado sugere que ele deve ter sido copiado antes de 200 d.C., o que colocaria o Texto Bizantino no século II, uma vez que ele mostra influência bizantina.



Os MSS dentro dos cones representam a transmissão “normal”. À esquerda, plotei alguns possíveis representantes do que poderíamos chamar de transmissão “irresponsável” do texto – os copistas produziram cópias de baixa qualidade por incompetência ou descuido, mas não fizeram alterações deliberadas. À direita, plotei alguns possíveis representantes do que poderíamos chamar de transmissão “fabricada” do texto – os escribas fizeram alterações deliberadas no texto (por quaisquer razões), produzindo cópias fabricadas, e não cópias verdadeiras. Estou bem ciente de que os MSS plotados na figura acima contêm erros descuidados e deliberados, em proporções diferentes (7Q5,4,8 e $P^{52,64,67}$ são demasiado fragmentados para permitir a classificação dos seus erros como deliberados e não descuidados), de modo que qualquer classificação como a que tento aqui será relativa e dá uma imagem distorcida. Ainda assim, atrevo-me a insistir que a ignorância, o descuido, a intromissão e a malícia todos deixaram a sua marca na transmissão do texto do Novo Testamento, e devemos levá-los em conta em qualquer tentativa de reconstruir a história dessa transmissão.

Tal como a figura sugere, defendo que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador sobre o fluxo de transmissão. Para aguentar a tortura em vez de entregar seu(s) MS(S), você teria que ser um crente verdadeiramente comprometido, o tipo de pessoa que desejaria boas cópias das Escrituras. Assim, provavelmente foram os MSS mais contaminados que foram destruídos, grosso modo, deixando os MSS mais puros para reabastecer a terra (por favor, veja a seção “Repressão Imperial do N.T.” no Capítulo 6 de minha *Identity IV*). A seta dentro dos cones representa a Família 35 (ver Parte II).

Outra consideração sugere-se – se, como relatado, a campanha de Diocleciano foi mais feroz e eficaz na área bizantina, a vantagem numérica do tipo de texto 'bizantino' sobre o 'ocidental' e o 'alexandrino' teria sido reduzida, dando aos dois últimos uma oportunidade de tomar a liderança. Mas isso não aconteceu. A Igreja, em sua maioria, recusou-se a propagar essas formas do texto grego. Os códices B, א,

D, etc., não têm 'filhos'. Uma vez que é impossível produzir uma forma arquetípica para os tipos de texto, assim chamados, 'ocidental' ou 'alexandrino', com base na evidência dos manuscritos, será que eles existem?

O 'ponto crucial' de um Original 'perdido'

Voltando ao 'ponto crucial', a redação original se perdeu? Respondo com um enfático "**Não**". Certamente existe dentro da massa bizantina, mas o que faremos se há confusão dentro dessa massa? (Insistir que deve ser uma das variantes existentes é melhor do que nada, suponho, mas eu, pelo menos, quero identificar **a** redação original.) Na minha opinião, sempre que pelo menos 90% das testemunhas primárias concordam, não pode haver nenhuma questão razoável; é estatisticamente impossível que uma leitura não original possa ter uma pontuação tão alta.[1] Sempre que uma leitura obtém uma atestação de pelo menos 80%, sua probabilidade é muito alta. Mas para talvez 2% das palavras no NT a atestação cai abaixo de 80% (um número desproporcional estando no Apocalipse), e neste ponto precisamos desviar a nossa atenção dos MSS para as famílias.[2] Já mencionei a atribuição de um quociente de credibilidade a cada família, com base em critérios objetivos, e isso precisa ser feito. Infelizmente, há muito "trabalho de casa" por fazer nesta área (até onde sei, apenas a Família 35 tem um perfil empiricamente definido),[3] mas já foi feito trabalho suficiente para permitir algumas ideias aproximadas.

Estamos em dívida com o *Institut für Neutestamentliche Textforschung* por sua série *Text und Textwert*. Uma análise cuidadosa de seus cotejos indica que provavelmente não existe $\mathbf{K^x}$ em lugar nenhum (e lembre-se de Wisse). Tomemos, por exemplo, os volumes do *TuT* sobre o Evangelho de João, capítulos 1-10. Eles examinaram um total de 1.763 MSS (para 153 conjuntos de variantes) e incluíram os resultados nos dois volumes. As páginas 54 a 90 (volume 1) contêm "Agrupamentos de acordo com graus de concordância" "concordando mais frequentemente entre si do que com o texto majoritário". Apenas um símbolo de grupo é usado, $\mathbf{K^r}$ – o primeiro representante da família, MS 18, lidera um grupo de cerca de 120 MSS,

---

1 Ver o Appendix B no meu *Identity V*.

2 Uma vez que todos os MSS tenham sido cotejados e atribuídos empiricamente a famílias, então poderemos limitar a nossa atenção a essas famílias, desde o início (como fiz no Apocalipse).

3 Até onde eu sei, nem $\mathbf{f^1}$ nem $\mathbf{f^{13}}$ existem fora dos Evangelhos, mas mesmo ali, alguém já produziu um perfil empiricamente definido para qualquer um deles? Considere a seguinte declaração de Metzger:

> Deve-se observar que, de acordo com a teoria de que os membros de f^1 e f^{13} foram sujeitos a uma acomodação progressiva ao texto bizantino posterior, os estudiosos estabeleceram o texto dessas famílias adotando leituras de testemunhas da família que diferem do Textus Receptus. Portanto, a citação da sigla f^1 e f^{13} pode, em um dado caso, significar uma minoria de manuscritos (ou mesmo apenas um) que pertencem à família. (*A Textual Commentary on the Greek New Testament* [companheiro de UBS^3], p. xii.)

Seria irracional dizer que tal procedimento é injusto para com o leitor? Não engana o usuário do aparato? Pelo menos conforme utilizadas pelas edições da UBS, essas siglas não representam perfis definidos empiricamente.

mas todos os representantes subsequentes têm apenas um **K^{r}** (que chamo de **f^{35}**). Depois de **K^{r}**, existem 22 grupos com entre 52 e 25 MSS, e todos, exceto quatro deles, são realmente **K^{r} / f^{35}**, e o mesmo vale para vários grupos menores, de sorte que seu **K^{r}** provavelmente deveria ser superior a 200 (eu diria que a Família 35 nos Evangelhos tem mais de 250 representantes, mas a sua classificação aqui é baseada em apenas 153 conjuntos de variantes, na metade de João).

Considere o maior grupo além de **K^{r}**: 2103. Dos seus 52 membros, 15 mostram apenas uma concordância de 95% com o MS 2103. Se esses 52 MSS forem alguma vez cotejados para todos os Evangelhos, é inteiramente previsível que o "grupo" diminuirá consideravelmente; pode até desaparecer.

Há alguns anos, Maurice Robinson fez um cotejo completo de 1.389 MSS que contêm o P.A.,[1] e eu tive em minha posse a fotocópia de William Pierpont desses cotejos durante dois meses, passando a maior parte desse tempo estudando esses cotejos. Ao fazê-lo, tornou-se óbvio para mim que von Soden "regularizou" os seus dados, "criando" arbitrariamente a alegada forma arquetípica para as suas primeiras quatro famílias, **M^{1,2,3,4}** – se é que existem, são bastante fluidos. Seus **M$^{5\&6}$** existem, possuindo perfis distintos para o propósito de mostrar que são diferentes, mas são um pouco 'moles', com confusão interna suficiente para tornar arbitrária a escolha da forma arquetípica. De fato, suspeito que terão de ser subdivididos. Em contraste com o exposto acima, seu **M^{7}** (que chamo de Família 35) tem um perfil sólido e inequívoco – a forma arquetípica é demonstrável, determinada empiricamente.

Quanto ao Apocalipse, dos nove grupos que Hoskier identificou, apenas o seu Complutense (que chamo de Família 35) é homogêneo. Dos demais, os principais têm subdivisões, que exigirão perfil próprio.

Dadas as minhas pressuposições, considero que tenho boas razões para declarar a preservação divina da precisa redação original do Texto completo do Novo Testamento, até hoje. Essa redação está reproduzida na minha edição do NT grego, disponível em www.prunch.org. MAS ATENÇÃO: seja ou não o arquétipo de **f^{35}** o Autógrafo (como afirmo), permanece o <u>fato</u> de que os MSS cotejados para este estudo refletem uma <u>transmissão incrivelmente cuidadosa</u> de sua fonte, e isso ao longo da Idade Média. Minhas pressuposições incluem: Deus existe; Ele inspirou o Texto Bíblico; Ele prometeu preservá-lo por mil gerações (1 Crônicas 16.15);

---

[1] 240 MSS omitem o PA, 64 dos quais são baseados no comentário de Teofilato. Outros quatorze apresentam lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Portanto, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = cerca de 1650 MSS verificados por Robinson. [Agora ele já cotejou 1505 MSS] Isso não inclui Lecionários, dos quais ele também verificou um bom número. (Esses são microfilmes mantidos pelo Instituto em Münster. Sabemos agora que existem muitos mais MSS conhecidos, e provavelmente ainda mais que ainda não foram identificados.) Infelizmente, até onde sei, Robinson ainda não publicou os seus cotejos, tornando-os assim disponíveis ao público em geral.

portanto, Ele deve ter um interesse ativo e contínuo nessa preservação [já houve menos de 300 gerações desde Adão, e então Ele ainda tem um longo caminho a percorrer!]. **Se Ele estivesse preservando a redação original em alguma linha de transmissão diferente de f^{35}, essa transmissão seria menos cuidadosa do que a que já demonstrei para f^{35}**? Eu acho que não. Portanto, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isto inclui **todas** as outras linhas de transmissão que vi até agora![1]

Com base nas evidências disponíveis até agora, afirmo o seguinte:

1. A redação original nunca foi 'perdida' e sua transmissão ao longo dos anos foi basicamente normal, sendo reconhecida como material inspirado desde o início.
2. Esse processo normal resultou em linhas de transmissão.
3. Para delinear tais linhas, os MSS devem ser agrupados empiricamente com base num mosaico partilhado de leituras.
4. Esses grupos ou famílias devem ser avaliados em termos de independência e credibilidade.
5. O maior grupo claramente definido é a Família 35.
6. A Família 35 é comprovadamente independente de todas as outras linhas de transmissão em todo o NT.
7. A família 35 é demonstradamente antiga, datando pelo menos ao século III.
8. Os representantes da Família 35 vêm de toda a região do Mediterrâneo; a distribuição geográfica é quase total.
9. A Família 35 não é uma recensão, não foi criada em algum momento posterior aos Autógrafos.
10. A família 35 é uma entidade objetiva/empiricamente definida em todo o NT; tem um perfil diagnóstico demonstrável de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.
11. A forma arquetípica da Família 35 é demonstrável – já foi demonstrada.
12. O Texto Original é o arquétipo mor; qualquer candidato também tem de ser um arquétipo – um arquétipo real, honesto e objetivamente verificável; há apenas um – Família 35.[2]
13. A preocupação de Deus com a preservação do Texto Bíblico é evidente: entendo que passagens como 1 Crônicas 16.15, Salmo 119.89, Isaías 40.8, Mateus 5.18, Lucas 16.17 e 21.33 , João 10.35 e 16.12-13, 1 Pedro 1.23-25 e Lucas 4.4 podem

---

[1] Coisas como $\mathbf{M^6}$ e $\mathbf{M^5}$ em João 7.53-8.11 vêm à mente.

[2] Se você quer ser candidato ao melhor advogado da sua cidade, você deve ser advogado, ou o melhor carpinteiro, ou oncologista, ou o que quer que seja. Se houver apenas um candidato a prefeito em sua cidade, quem será eleito?

razoavelmente ser interpretados como implicando uma promessa de que as Escrituras (até o til) serão preservadas para o uso do homem (devemos viver "por *cada* palavra de Deus") e até o fim do mundo ("por mil gerações"), mas nenhuma indicação é dada sobre como Deus propôs fazer isso. Devemos deduzir a resposta daquilo que Ele realmente fez – descobrimos que Ele fez, de fato!

14. Essa preocupação reflete-se na Família 35; é caracterizada por uma transmissão incrivelmente cuidadosa (em contraste com outras linhas). [Tenho uma cópia perfeita do texto arquetípico da Família 35 para a maioria dos livros do NT (22); Tenho cópias feitas de exemplar perfeito (presumido) por mais quatro (4); à medida que continuo a cotejar os MSS, espero acrescentar o último (Atos), mas mesmo para ele a forma arquetípica é demonstrável.]
15. Se Deus estivesse preservando o texto original em alguma linha de transmissão que não fosse a Família 35, essa linha seria menos cuidadosa? Eu acho que não. Portanto, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isso inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até agora.
16. Afirmo que Deus usou a Família 35 para preservar a exata redação original do Texto do Novo Testamento; está reproduzida em minha edição do Texto Grego.[1]

A honestidade costumava fazer parte da definição de um verdadeiro estudioso. Qualquer um que deseje sê-lo deveria absolutamente parar de representar suas pressuposições como fazendo parte da evidência. Visto que o original nunca foi perdido, não há crítica textual legítima do NT e, portanto, nenhuma ciência sobre tal. Visto que a crítica textual do NT (tal como praticada pela comunidade académica durante os últimos 130 anos) depende de um pressuposto falso, não pode ser uma ciência. Aqueles que rejeitam a evidência primária podem, e provavelmente continuarão, a propor uma teoria de crítica textual. Suponho que eles tenham direito à sua teoria, mas não posso desejar que passem bem.

[1] E Deus usou principalmente as Igrejas Ortodoxas Orientais para preservar o Texto do NT ao longo dos séculos – elas sempre usaram um Texto que era uma representação adequada do Original, para todos os efeitos práticos.